

POR UMA ESCOLA SEM LGBTIFOBIA: PROPOSTA TEATRAL DESENVOLVIDA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Claudemar Pedroso Lopes¹
Guaraci da Silva Lopes Martins²

RESUMO: O presente artigo resulta do interesse em analisar as contribuições do teatro na escola para a desestabilização de discursos excludentes associadas à construção de gênero e sexualidades. Para tanto, utilizou-se da pesquisa com abordagem qualitativa que associou a fundamentação teórica à pesquisa de campo. O estudo teórico se pautou nos autores com pesquisas voltadas para a pedagogia teatral e também para o processo construído das identidades de gênero. A pesquisa de campo ocorreu com estudantes do Ensino Médio inseridos em escolas da rede pública paranaense. No percurso desta investigação foi possível constatar o desenvolvimento da percepção dos participantes envolvidos, no que tange às configurações de gênero e o leque de multiplicidades e de enfrentamentos que envolvem esta temática, ainda hoje marcada por estereótipos. Destaca-se, o interesse em contribuir para evidenciar a importância do teatro no processo de desenvolvimento da capacidade do estudante/cidadão de se expressar e intervir em seu próprio contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Ensino médio; Pedagogia do teatro; LGBTIfobia.

FOR A SCHOOL WITHOUT LGBTIPHOBIA: THEATRICAL PROPOSAL DEVELOPED WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

ABSTRACT: This article is the result of an interest in analyzing the contributions of theater to the destabilization of exclusionary discourses at school, associated with the construction of gender and sexualities. That was achieved with the use of qualitative approach associated with the theoretical foundation to field research. The theoretical study was based on authors whose researches are focused on a theatrical pedagogy and also on the constructed process of gender identities. The field research was carried out with high school students from public schools in Paraná. In the course of this investigation, it was possible to observe the development of the participants' perception in reference to gender configurations and the range of multiplicities and confrontations that involve this theme, still marked by stereotypes. The interest has also been to highlight the importance of theatre in the process of development of the students/citizens capacity to express themselves and intervene in their own context.

KEYWORDS: School; High school; Theater pedagogy; LGBTIphobia.

1 Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Norte Paranaense (UNINORTE); Licenciado em Teatro pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus de Curitiba II; Especialista em Arte Educação e Terapia pela Faculdade São Braz; Especialista em Gênero e Diversidade Escolar pela Faculdade São Braz, Professor Pedagogo na Secretaria da Educação e do Esporte no Estado do Paraná (SEED/PR). E-mail: crauddy_lopes@hotmail.com

2 Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UT); Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) e do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada (Unespar/CNPq). E-mail: guaraci.martins@gmail.com

Esta pesquisa busca investigar o impacto da produção cênica *Por uma escola sem LGBTIfobia* na formação de estudantes do ensino médio e participantes de um projeto pedagógico comprometido com o aprofundamento da reflexão sobre os discursos que permeiam o processo de construção das identidades de gênero e sexualidades³. Para tanto, recorri à pesquisa com abordagem qualitativa fundamentada, sobretudo em autores com estudos voltados para as configurações de gênero e a pedagogia teatral. O escopo teórico foi associado à pesquisa de campo, pois me utilizei da análise do processo teatral desenvolvido com o grupo *Teatrando na Escola* que envolveu no ano de 2016 estudantes do ensino médio matriculados em dois colégios estaduais da região sul de Curitiba, lembrando que em um deles atuei como professor pedagogo e no outro exerci a ação docente na disciplina Arte. Esclareço que fizeram parte integrante da coleta de dados o diário de bordo, entrevistas semi-estruturadas, depoimentos e registros fotográficos, recursos estes que foram devidamente arquivados para posterior análise.

Em função da minha orientação sexual vivenciei diversas situações discriminatórias, experiência esta fundamental no interesse do questionamento de discursos determinantes nos processos de discriminação e de exclusão de sujeitos com base em uma marca anatômica. Mais precisamente no ano de 2009, quando ainda cursava o terceiro ano do curso de Pedagogia fui à procura de instituições de ensino para a realização do estágio obrigatório na educação infantil. Este curso é majoritariamente realizado por mulheres, por esta razão, inúmeras barreiras dificultaram o meu acesso às escolas como estagiário. Além deste fator, a minha orientação sexual também interferiu nesta minha etapa acadêmica, pois em uma das instituições a direção geral argumentou sobre a impossibilidade da realização do estágio na escola por não aceitarem *gays* naquele espaço educacional. Diante do exposto, retirei-me imediatamente da sala, sem qualquer questionamento contra o pré-conceito vivenciado naquele momento.

Contudo, gradativamente envolvi-me em variadas ações voltadas para o enfrentamento de situações marcadamente discriminatórias contra sujeitos que desafiam a heterossexualidade hegemônica e potencializam oportunidades críticas de questionar os

3 O termo LGBTIfobia se refere a um variado leque de fenômenos sociais relacionados ao pré-conceito, à discriminação e à violência contra as pessoas – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersex e demais orientações sexuais e identidades de gênero- que manifestam a sua orientação de gênero e/ou sexual diferente dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade.

limites que governam as noções culturalmente inteligíveis de se estar no mundo. Importa mencionar que, desde o ano de 2017 exerço o cargo de secretário executivo dos direitos LGBTI+ da APP Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Paraná, atualmente o maior sindicato deste estado. Também, atuo na defesa dos direitos humanos e exerço função de vice presidente do Conselho Permanente em Direitos Humanos no Estado do Paraná. Movido pelos compromissos assumidos busco contribuir na luta contra todo e qualquer tipo de violência e discriminação LGBTIfóbica. A partir do meu envolvimento com a Secretaria Executiva da Mulher Trabalhadora e Direitos LGBTI+, tive a oportunidade de promover espaços de debate em diversas escolas da rede pública de ensino, municipais e estaduais, sobre as idealizações estabelecidas aos gêneros. Esta mesma Secretaria vem proporcionando o debate mais amplo sobre o assunto, por meio de seminários, encontros e formações com educadores de variadas regiões do estado. O intuito é contribuir para ampliar os conhecimentos e as habilidades necessárias destes docentes, para melhor lidarem com o processo construído das identidades, sobretudo no que tange aos aspectos sociais e culturais envolvidos.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28).

De acordo com Martins (2009), a base da desigualdade não se encontra na diferença biológica entre os sexos, mas nos significados construídos culturalmente sobre estas diferenças. Ou seja, a partir da diferença sexual se desenvolvem expectativas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, processo este que, desde os primeiros meses de vida, tende à definição de padrões de comportamento e papéis sociais. Neste contexto, as distintas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, sobretudo por meio de estratégias que reiteraram identidades e

práticas hegemônicas. Por outro lado, o sistema de educação é um espaço político, capaz de manter ou de modificar a apropriação de discursos, com os saberes e os poderes que eles carregam consigo.

Assim sendo, é de suma relevância que a Escola se articule com as novas situações e reformule as diretrizes de seus objetivos, para viabilizar resultados além das competências cognitivas e intelectuais para atingir também o espaço que permita o repensar da própria conduta e do contexto sociocultural no qual estamos inseridos. Para exemplificar, ainda hoje as formas de representações de mulheres e homens divergentes dos arranjos sociais estabelecidos no tecido social, permanecem sob o estigma da doença, do anormal, impróprio e nocivo. Acrescento a importância do teatro na escola, área de conhecimento que, assim como os demais campos do saber que compõem a matriz curricular do ensino básico, também contribui no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo porque propicia o desenvolvimento das capacidades criativas, críticas e reflexivas do indivíduo. .

Segundo Spolin (1992, p. 3) “Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo”. De fato, o teatro propicia espaços férteis para que os estudantes desenvolvam processos criativos propícios à novos olhares sobre as inter-relações sociais e, concordando com Boal (1991, p. 17), “a alfabetização teatral é necessária porque é uma forma de comunicação muito poderosa e útil nas transformações sociais”. Acrescento que, todas as pessoas — independentemente de serem ou não profissionais do teatro — podem levar para o espaço cênico, as múltiplas possibilidades de se manifestar por meio da representação teatral, recriando e expandindo as suas capacidades expressivas, críticas e criativas.

O trabalho desenvolvido com o grupo *Teatrando na Escola* surgiu da necessidade de dialogar com os estudantes a temática LGBTIfobia, sobretudo em função dos inúmeros casos de violência contra as pessoas que atravessam as fronteiras estabelecidas pela heteronormatividade. Para melhor compreensão, no início do ano letivo de 2016, na sala dos professores do Colégio onde atuei como pedagogo, utilizei-me do intervalo das aulas para solicitar a atenção dos presentes. O intuito foi alertá-los sobre as inúmeras situações LGBTIfóbicas ocorridas até aquele momento, fator este gerador da evasão escolar de

estudantes que não encontraram outra alternativa senão o abandono daquela escola específica. Também, aproveitei a oportunidade para evidenciar a importância de uma ação pedagógica voltada para este assunto na sala de aula.

Após a minha explanação, uma das professoras presentes e responsável pela disciplina Arte, convidou-me para desenvolver um trabalho com o teatro, informando ainda a sua disponibilidade no sentido de ceder a sua carga horária em sala de aula no período da manhã entre os meses de abril e junho daquele mesmo ano letivo. Prontamente aceitei o convite. A partir de então, passei a orientar três turmas, cada qual composta de mais ou menos 35 (trinta e cinco) estudantes, sob a responsabilidade da professora titular que também participou das discussões. Informo a utilização de variados recursos didáticos, tais como, textos, recortes de jornais, documentários e filmes para estimular esta discussão com base neste campo do saber para estimular a reflexão dos participantes, sobre o processo construído dos corpos, das identidades e das diferenças, trazendo ao centro de análise as relações de poder e as representações políticas identitárias que normatizam/normalizam as experiências de gênero e sexualidades.

A inserção efetiva da pedagogia do teatro no âmbito escolar está associada ao compromisso com o desenvolvimento artístico e estético do estudante. Cumpre notar que, muitas vezes é na escola que ocorre o primeiro contato das crianças e dos adolescentes com a prática do teatro. No entendimento de Ferreira (2006, p. 12), “embora haja algumas crianças que frequentem salas de teatro com seus familiares desde muito cedo, é na escola que a prática de ver e também de fazer teatro passa a existir na vida da maioria das crianças espectadoras”. Esclareço que em sua maioria, os participantes desta pesquisa, jamais tiveram a oportunidade de se envolver em processos cênicos quer seja na escola ou fora dela.

Diante dessa constatação, durante os encontros semanais, convidei-os para participarem de atividades práticas mediadas pelo teatro sob a minha coordenação. O total de 30 (trinta) deles demonstraram interesse em participar da proposta lançada, além de mais 10 (dez) participantes matriculados no outro Colégio onde atuei como professor na disciplina Arte. A partir de então, realizei um planejamento organizado em dois encontros semanais com carga horária total de oito horas no contraturno da escola. Estes encontros

ocorreram entre os meses de abril e outubro em um dos espaços cedido pelo próprio colégio. Desta maneira, 40 (quarenta) estudantes matriculados em ambos os Colégios, tiveram a oportunidade de participar de uma proposta pedagógica com enfoque em processos cênicos pautados nas relações de gênero e sexualidades. Após algumas discussões, todos decidiram que o título *Teatrando na Escola* poderia definir o grupo composto por estudantes movidos pelo interesse em participar de um projeto associado ao teatro no ambiente escolar.

Concordo com Boal (2007) segundo o qual o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação são elementos comuns em um processo cênico-criativo, na medida em que estimulam, aquecem, enriquecem, preparam as pessoas nele envolvidos para agirem na vida em sociedade, em processos de mudança. Entendo que o teatro comprometido com processos de transformação social deve preparar os estudantes e futuros cidadãos para atuarem com autonomia e responsabilidade em seu próprio contexto. Acrescento o potencial desta área da arte, no sentido de ampliar a percepção das capacidades expressivas; estimular o trabalho coletivo/colaborativo; o hábito à leitura e o pensamento investigativo sobre as questões que envolvem a própria vida cotidiana e o contexto social mais amplo.

Arte é forma de conhecimento, pois envolve a história, a sociedade, a vida. Não está apenas ligada a ideia de prazer estético, contemplação passiva, mas ao contrário, é dinâmica e representa trabalho já que possui forças materiais e produtivas que impulsionam as relações históricas e sociais e levam o homem à compreensão de si mesmo e da sociedade. A arte proporciona prática criadora à luz das relações sociais, culturais e estéticas levando em conta as transformações nas novas configurações de tempo e espaço. Compreendê-la como processo social, é, portanto, chamá-la de produção cultural e conhecimento humano. (CAVASSIN, 2008, p. 49)

Ao longo dos encontros, distintas atividades teatrais, incluindo improvisações, jogos dramáticos e jogos teatrais foram propostas com o intuito de desenvolver o potencial artístico e estético dos participantes, assim como, ampliar a compreensão dos mesmos sobre o processo construído das identidades. Para as práticas teatrais recorri ao Teatro do Oprimido de Augusto Boal, ao sistema desenvolvido por Viola Spolin e às proposições do estímulo composto desenvolvido por John Somers na Inglaterra e divulgado no Brasil pela professora Dra. Beatriz Cabral.

Nos primeiros encontros, frases que retratam conceitos demarcadores dos limites de fronteira entre os sujeitos masculino/feminino, heterossexual/homossexual e normal/anormal foram frequentemente manifestadas no espaço da cena e também nas discussões sobre o tema. Para exemplificar, destaco algumas delas:⁴ “Tudo bem ser lésbica, mas precisa se vestir como homem”; “Eu não tenho problemas com lésbicas. Inclusive, adoro vê-las se pegando”; “Que desperdício ele ser gay” e “Ter filho gay é falta de porrada”. De acordo com Mott (2003), os sujeitos que atravessam as fronteiras instituídas pela heteronormatividade são as principais vítimas de processos discriminatórios nas distintas instituições sociais: dentro de casa, na escola, no local de trabalho, na rua, nas igrejas, na polícia, no exército, nos meios de comunicação.

Por outro lado, concordo com Martins segundo a qual (2009, p. 85), “educar para a diversidade significa educar pessoas para o efetivo reconhecimento das diferenças comuns entre os indivíduos, de modo a reduzir um número significativo de discursos de exclusão”. Desta maneira, cabe à escola o investimento em projetos pedagógicos voltados para o desenvolvimento das capacidades críticas sobre as relações de poder, marcadas pela desigualdade entre homens e mulheres nos diversos períodos da História.

Ao longo dos encontros, o grupo foi orientado na criação coletiva do texto dramático intitulado *Por uma escola sem LGBTIfobia*, processo este que culminou na produção do espetáculo teatral apresentado em diferentes espaços culturais. Ou seja, com o texto já elaborado, passei a reservar os encontros aos ensaios e à produção teatral que contou com a contribuição de todos os estudantes que se envolveram na criação do cenário, figurino, iluminação e sonoplastia. As improvisações foram fundamentais na composição das cenas do espetáculo marcado por situações relacionadas à homofobia. Neste momento, considero importante a descrição de uma das cenas apresentadas por dois estudantes envolvidos em uma relação homoafetiva.

Pois bem: na saída da escola ambos manifestaram aos demais companheiros a decisão de um deles em revelar aos seus pais a sua orientação sexual. Um dos colegas ali presente estimulou a resolução ao informar que fizera o mesmo, quando foi surpreendido com a reação positiva dos seus pais. Após se despedir dos presentes, o estudante se retirou

⁴ As frases selecionadas não há identificação dos estudantes, pois algumas destas foram manifestadas pelos mesmos aleatoriamente nos encontros.

em direção à sua casa movido pelo interesse em contar o que mantinha em segredo no seio familiar. Ao chegar, os pais e dois irmãos, encontravam-se na sala assistindo televisão. Neste momento, o jovem pediu a atenção de todos e demonstrando um certo receio se manifestou dizendo: “quero que todos saibam que sou homossexual”. Imediatamente, o pai avançou contra o filho e nervosa a mãe tentou acalmá-lo. Furioso, o pai solicitou para que o jovem se retirasse imediatamente de casa gritando a seguir: “prefiro ter um filho ladrão a ter um filho homossexual”. Com profunda tristeza, demonstrada principalmente, por meio da expressão facial e corporal, o estudante se retirou para um outro espaço da sala, afastando-se de sua família.

É oportuna a consideração de que ao se reconhecerem no terreno de feminilidades e masculinidades de forma diversa das hegemônicas e assumirem esta condição, muitas pessoas são estigmatizadas como anormal ou mesmo uma aberração, pois interrompem a linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero. Desta maneira, a atitude de assumir os próprios desejos, contrários às expectativas sociais, pode ser compreendida como uma ação política por excelência, mas “nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização”. (LOURO, 2001, p. 31). Acrescento que a frase “prefiro ter um filho ladrão a ter um filho homossexual” é comumente manifestada em nas diversas instituições sociais, incluindo-se a instituição familiar que reflete ideias cristalizadas pautadas em conceitos naturalizantes.

Os homossexuais continuam sendo as principais vítimas do preconceito e da discriminação em todos os segmentos sociais: dentro de casa, na escola, no local de trabalho, na rua, nas igrejas, na polícia, no exército, nos meios de comunicação. (MOTT, 2003, p. 197)

Quando a teoria *queer* estende a hipótese da construção social para o domínio da sexualidade ela problematiza a identidade sexual considerada normal: a heterossexualidade compulsória da sociedade. De acordo com Silva (2005) esse campo teórico surgiu nos Estados Unidos e na Inglaterra, expressando, na língua de origem, uma ambiguidade explorada pelo movimento *queer*. Historicamente, essa teoria tem sido utilizada para fazer

referência, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, sobretudo do sexo masculino. Significa também, de forma não necessariamente relacionada às suas conotações sexuais: estranho, esquisito, incomum, fora do normal, excêntrico.

Movido em uma reação à histórica conotação negativa do termo, o movimento homossexual recuperou-o como uma forma positiva de auto-identificação. Por meio da estranheza, esse movimento tem como proposta a contestação da identidade sexual considerada *normal*, qual seja, a heterossexualidade. Ainda segundo o mesmo autor, assim como a teoria *queer* de forma mais geral a pedagogia *queer* também tem como proposta estender a sua compreensão e análise da identidade sexual e da sexualidade para a questão mais ampla do conhecimento. Esta pedagogia, cujo foco se concentra em uma metodologia de análise e compreensão do conhecimento e das identificações sexuais, fundamenta-se na radicalização da possibilidade do livre trânsito entre as fronteiras da identidade.

Especialmente no final do século XX surgiram em vários países, reivindicações pelo direito de se viver sem constrangimento, outras formas de se exercer a própria sexualidade para além da heterossexual-reprodutiva. De acordo com Mott (2003), no ano de 1984, a Associação Brasileira de Psiquiatria, assim como, as suas filiadas aprovaram a resolução que passou a considerar que a homossexualidade não implica em prejuízo do raciocínio, estabilidade, confiabilidade ou aptidões sociais e vocacionais. Em 17 de maio de 1990, a homossexualidade foi retirada da lista de doenças mentais na Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Em sua pesquisa sobre as novas famílias, Luiz Mello (2005) trata sobre o aumento gradativo de *gays* e *lésbicas* que decidem de variadas formas tornar pública a sua orientação sexual, “não omitindo de seus parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho, a existência de um cônjuge do mesmo sexo em suas vidas, numa atitude claramente política” (Ibid, p. 21). As lutas políticas dos homossexuais em relação ao reconhecimento de suas relações afetivo-sexuais estáveis como sendo de ordem familiar, é o resultado de questionamentos e transformações importantes para a dissociação da sexualidade e do desejo das demais esferas do casamento e da reprodução. A crítica feminista tem exercido um papel de grande relevância na desmistificação da família normatizada a partir de uma rígida estrutura

estabelecida pelo vínculo de natureza conjugal, formado por um homem e uma mulher. Neste modelo, até recentemente concebida como ideal cristão, todas as demais formas de vivência familiar são definidas como incompletas, desorganizadas, ilegítimas.

Para o aprofundamento da reflexão sobre a importância do teatro no processo de desestabilização de discursos sobre o que é ser homem ou mulher, novamente recorro a uma das encenações apresentadas pelos estudantes que, assim como o grupo anteriormente mencionado, também evidenciaram a potencialidade desta área da arte, no sentido de direcionar o olhar do estudante para além de uma visão pré-determinada e estabelecida da realidade. Assim sendo, orientado pelo sistema de Viola Spolin, mais precisamente pelas proposições QUE? (ação) ONDE? (espaço no qual ocorre a ação) e QUEM? (papeis criados) solicitei a subdivisão das turmas em pequenos grupos e, após alguns minutos de ensaio para a apresentação cênica, um deles tratou sobre o desafio enfrentado por aqueles que assumem a sua sexualidade e o seu desejo em contraposição ao seu sexo biológico.

A cena específica se desenvolveu em uma festa organizada por jovens em um ambiente com música e muita diversão entre os mesmos⁵. Em um determinado momento, um deles solicitou silêncio caminhando a seguir à frente dos colegas que, naquele momento já se encontravam congelados no fundo do palco. Em seguida, aquele personagem que se afastou dos demais revelou em alto som: “eu sou gay”! Diante desta revelação, os estudantes ainda no fundo do palco entoaram aleatoriamente diferentes frases, tais como: “quero ser livre”, “quero ser amado”, “não sou a ovelha da família”, “eu sou o que sou”, “eu quero respeito”, “não sou uma aberração”. A encenação que se propôs à uma crítica social, encerrou-se com o jovem que saiu do “armário” observando a plateia por alguns segundos e dizendo a seguir: “eu só quero a felicidade de ser”. Nos debates sobre a cena acima descrita, alguns dos estudantes manifestaram que, muitas vezes, até mesmo a instituição familiar deixa de ser um local de apoio para aqueles que decidem assumir a sua homossexualidade. Concordando com a autora abaixo:

O indivíduo se torna inteligível quando o seu gênero está em conformidade com os padrões normativos que o definem. Esses padrões pressupõem uma experiência coerente e uma continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. (BUTLER, 2003, p. 15)

5 Para a sonoplastia da cena um dos estudantes recorreu ao seu próprio celular.

Por outro lado, entendo que o efeito e o impacto das experiências daqueles que rompem as fronteiras estabelecidas ao gênero são fortemente políticos, pois este deslocamento repercute também na vida de seus contemporâneos. Desta maneira, as pessoas que se constroem no espaço da resistência às normas regulatórias, “afetam, assim, não só seus próprios destinos, mas certezas, cânones e convenções culturais” (LOURO, 2008, p. 24-25). Neste sentido, elas evidenciam a pluralidade de interpretações e de construções de subjetividade com significados múltiplos, em oposição à discursos que apostam no caráter monolítico e coerente das identidades.

Frequentemente os educadores e as educadoras se posicionam, quase sempre, desafiados diante de questões sobre as quais mantêm respostas seguras e discursivamente construídas sobre as configurações de gênero. Neste sentido, a ação docente mediada pelas configurações de gênero precisa estar associada à pesquisa, à auto-observação e também à própria ação, para que o professor, co-responsável pela formação dos estudantes, possa reelaborar os próprios conceitos sobre o assunto. Afinal, de acordo com Freire (2004, p. 95), “como professor, não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei”. Ou seja, uma pedagogia comprometida com o conhecimento do estudante está intimamente atrelada à adequada formação do professor: um ser do e no mundo e que expressa a sua interação e influências adquiridas nas relações sociais.

É possível conceber a escola como um local de suma importância no processo de interação social, especialmente por ser um espaço no qual as pessoas convivem com a multiplicidade dos eixos de diferenciação pelos quais os indivíduos são atravessados, a exemplo da etnia, nacionalidade, sexualidade e classe social. Sabe-se que as instituições escolares são produtoras e reprodutoras de padrões sociais pré-estabelecidos no sistema social no qual estamos inseridos. Por outro lado, este mesmo ambiente também é um espaço cultural profícuo para a reflexão e o questionamento do sistema atual de dominação e submissão no qual estamos inseridos. É oportuna a consideração de que o teatro na escola se refere a uma área de conhecimento essencial em todas as propostas pedagógicas comprometidas com a apreciação estética da realidade. Em seu artigo sobre o ensino do

teatro na escola, Carmela Soares (2006) nos ensina que o verdadeiro aprendizado se encontra no campo das relações, no enfrentamento de mundo e de valores diferentes, na negociação de ideias, no redimensionar constante de si mesmo e do seu entorno.

O teatro contribui para uma discussão efetiva e responsável entre os sujeitos sobre as mais diversas questões e valores humanos encontrados no contexto sociocultural. Destaco a sua potencialidade, no sentido de contrapor a rede de mecanismos estrategicamente desenvolvidos para nomear, descrever e conferir aos corpos sexuados, lugares sociais distintos. No entendimento de Duborgel (1992), a arte é sempre colocada sob suspeita e vigilância na educação, pela sua capacidade de permitir que sujeitos imaginativos transgridam o sistema estabelecido nas diversas instituições sociais. Para reforçar o entendimento do autor seleciono abaixo determinadas falas de alguns dos estudantes integrantes do grupo de teatro *Teatrando na Escola*, por meio das quais é possível observar que, gradativamente eles desenvolveram um novo olhar sobre a temática trabalhada.

- Nossa! Muitas vezes humilhei meu irmão por ser gay. As atividades de teatro e os debates que realizamos aqui me fez entender que o meu irmão é apenas diferente. (estudante 5)⁶
- Eu tinha muito medo de dizer oi pra você Felipe, simplesmente por ser gay. Hoje você me deu um abraço e foi muito bom. (estudante 15)
- Professor gostaríamos de pedir desculpas, pois muitas vezes nas suas costas te chamamos de viadinho. (estudante 38)

Os inúmeros relatos similares aos acima mencionados foram fundamentais para o enriquecimento do debate nas rodas de conversas e do processo de criação das cenas que culminaram no espetáculo *Por uma escola sem LGBTIfobia*. Esta montagem marcou a sua estreia no mês de novembro do ano de 2016 nos Colégios Estadual Rodolpho Zaninelli e Guilherme Maranhão aos estudantes, à comunidade escolar e ao público em geral. Após este momento, com o apoio da direção e de toda a equipe de professores e funcionários destas mesmas instituições de ensino, o referido espetáculo foi apresentado também no Teatro do Canal da Música, o qual teve como público alvo, estudantes e professores de diversas escolas da rede estadual, mais precisamente da região sul de Curitiba.

⁶ Buscando preservar a identidade dos estudantes me utilizei do código numérico entre 01 a 40, de acordo com o total destes participantes do grupo "Teatrando na Escola".

Destaco a relevância da experiência com o trabalho realizado na produção desse espetáculo, sobretudo pela constatação das contribuições do ensino do teatro na escola para o debate sobre questões sociais que ainda permanecem à margem dos debates em sala de aula, em especial no que tange ao processo de construção das identidades de gênero e sexuais. Em seu dinamismo o teatro ampliou a percepção de todos os envolvidos, especialmente professor e estudantes, sobre a vida em sociedade, relação esta que requer constante negociação entre sujeitos. Em tempos de avanço do conservadorismo é imprescindível o investimento de espaços de debate sobre todos os aspectos que contrariam os princípios de um estado democrático de direito, cabendo à Escola contribuir no processo de mudanças, em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

_____. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. In: **Revista Científica/FAP**. v. 3: jan/dez, 2008. (p.39-52) ISSN: 1980-5071.

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e pedagogia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FREIRE PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: (orgs.) LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e a teoria *queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: Guacira Lopes Louro (org.). **O corpo Educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. **“Encontro Marcado”**: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades. 2009. Tese de Doutorado em Artes Cênicas - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, Salvador/BA.

MELLO, Luiz. **Novas famílias. Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOARES, Carmela. Teatro e educação na escola pública: uma situação de jogo. In: TAVARES, Renan (org.). **Entre coxias e recreios**: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro. Rio de Janeiro: Yendis, 2006, p. 97-112.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 9 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Recebido em: 26/11/2019

Aceito em: 20/07/2020